

# Benin

## Comentários

### ... a partida do texto liberado...

Existe uma história. Existe a trajetória de uma vida com todas as implicações que são inerentes, dentro da história de uma Nação, um reinado, num Continente distante, enquadrado nas raízes de um povo escravizado. A forma como chega ao leitor acontece sob a égide eferente de um “romance histórico”, ou seja tendo o amparo de uma técnica mas com essência em seu âmago.

Ao ler Benim, esboçam-se manifestações de pensamento crítico sob as mais variadas formas. O levantamento total dessas manifestações só poderá, no entanto, ser realizado, quando terminada a leitura e com a explicitação do autor, dos códigos de acesso, mostrando-nos o que causou esta *tempestade histórica romanceada*, este universo que paira entre a ficção e a realidade, levando-nos a permanecer suspensos entre um mundo real e a fantasia ,até o final.

Analisar e criticar, no entanto, requer metodologia, clareza de objetivos, conhecimento do objeto a ser apreciado, determinação do ponto onde se quer chegar, alguma erudição e sobretudo sensibilidade para com a literatura em geral. Acredito que tê-la como *objeto de prazer* seja o elemento que nos vai impulsionar até resultados verdadeiros e justos para com o texto a ser analisado.

Acredito também, que o processo de escrita em qualquer autor não seja *totalmente consciente nem totalmente deliberado*, sendo assim, creio que a consciência histórica desse texto seja antes de mais nada uma atitude pessoal, um enquadramento mental. É antiga a querela entre romance histórico e romance simplesmente. Fato histórico ou Ficção que o tem como base, desenvolvido em forma de romance, inserindo ações paralelas que trarão ao leitor refinamentos de sentimentos, atos e conseqüências sob a visão e crivo do autor. Lendo Benin chega-se a uma conclusão. O que realmente existe , a distinção que realmente deve ser feita é entre bons e maus romances,

bem ou mal escritos. *Estaria então o romance histórico contido na ficção histórica?*

Encontra-se neste texto uma *intencionalidade* de chamar a atenção do leitor para o resgate correto da história de um povo, mesmo que através da ficção. Decorre daí, cuidados com pesquisas na tentativa de recriar os *ambientes e mentalidades*, não fornecendo apenas um vago pano de fundo para uma ação romanesca mas, recriando seus ambientes e sua “respiração”.

“... A rememoração do passado, dos dois respeitáveis cidadãos de Benim, trazia uma mistura de aceitação do tradicional e repúdio ao que a vida, como homens públicos, lhes havia mostrado com relação aos europeus. A tradição, baseada no empirismo transferido de geração para geração, via oral, ligava europeus – mais precisamente os portugueses, primeiros a tocar o chão de Benim – às águas. Eles chegaram das águas e sua estada se confundiu, com o passar do tempo, com os holandeses, também vindos pelas águas – trazidos, portanto, pelo mais importante símbolo da mitologia, Olokum, o Deus das águas...” pag. 48

*Se a literatura ficcional histórica é também uma forma de captação da realidade, tratando-se de história de um povo escravizado, em uma situação geográfica nova, qual deveria ser a realidade a exprimir, como se caracterizaria, que formas assumiria, que gênero literário melhor se adequaria?*

Essa pergunta apaixonou-me sobremaneira durante a leitura, e passei a discutir incessantemente e à sós num processo permanente de ida e volta às realidades que a leitura me trazia.

O texto permanece na sua maior parte fiel ao credo histórico, trazendo sempre fatos, datas, acontecimentos com verossimilhança. Na prosa, no entanto, foge por vezes da monotônica regularidade das estâncias da língua portuguesa, afastando-se delas de forma proposital e particular.

“ Obayemi também era um homem informado. Da mesma forma, tinha amigos, nacionais e estrangeiros. Aliás, sua posição de chefe da capital, fazia com que houvesse uma verdadeira fila

de espera para quem quisesse ter uma audiência com ele. Nessa fila se incluíam nacionais, com pedidos de ajuda, de intermediação de justiça junto ao Obá de concessão de terras e, os estrangeiros, alguns com pedidos semelhantes aos nacionais, mas muitos deles pombos –correio de mensagens que vinham da Europa e que tinham objetivo comumente escondido em entrelinhas e insinuações vagas, visando a manutenção, pelos holandeses, de sua relação multissecular e, dos ingleses, de incluir Benim dentro da nova perspectiva do Foreign Office, Ministério do Exterior inglês, como território a ser explorado em busca de mais matérias primas para as sedentas indústrias inglesas e de consumidores...”pag. 28

O interessante é que a temática de tal modo integra-se na mente e na sensibilidade de quem lê, que faz ressurgir sentimentos de curiosidade e desejo de novos horizontes. Não se tem aqui o romantismo como fonte de inspiração literária e sim um objeto maior, resgate talvez de liberdades perdidas, vidas destroçadas, cultura aviltada, consciência adquirida.

Buscando ainda instrumentos de análise crítica e valoração de cunho objetivo, encontramos um texto *concebido* como um produto sociológico e sua gênese condicionada a fatos externos, meio, raça, momento, fatos históricos, experiências pessoais. Como nos ensina o filósofo francês Hipólito Taine, para quem a produção artística é condicionada ao relativismo do tempo, lugar, experiências do autor, ao tipo de sociedade, teríamos sempre que estabelecer tipos sociais, caráter ,para assim melhor compreender e interpretar o fenômeno literário. No romance histórico nem sempre isto é possível, nem sempre podemos contar com pesquisas críveis, verdades e coerência. Em Benin estes elementos existem.

A verdadeira crítica literária, para a qual a literatura é antes de tudo uma estrutura estética, constituída de elementos intrínsecos que lhe são peculiares, aqui navega em águas claras e mansas. Analisando e interpretando este texto *per se* , nos seus elementos estruturais e específicos constata-se que a consciência histórica perpassa toda a narrativa, esteve presente durante todo o processo de escrita de uma forma não inteiramente consciente e deliberada ( mesmo porque o próprio processo criativo de escrita não é totalmente consciente nem deliberado). Novas dúvidas: *romance histórico x ficção histórica*.

Pergunto-me se haverá um verdadeiro interesse ou justificação para estabelecer tal distinção. A tentativa real aqui é de abordar o que é de fato Benin. Penso que falaremos de um romance histórico moderno, onde a intencionalidade não o deixa ser *inocente*. Esta intencionalidade que chama a atenção dos leitores para o problema da escravidão do povo negro, abordado na sua origem, ou seja, no Continente de origem do povo escravizado, nos leva a formular teses através do poder de evocação da literatura, lembrando o que aconteceu, a consistência, as raízes, a cultura daquela nação, o que a escravidão causou àquele povo. Nem sempre, no texto, a evocação é nacionalista ou de exaltação patriótica, em alguns momentos é apenas crítica.

“O cenário da África naquele fim de século dezanove era crucial para os rumos que o continente iria experimentar até a metade dos anos 1950. O interior Africano que se constituía, desde a chegada dos primeiros europeus, no século quinze, em solo inalcançável por suas florestas, rios poderosos e desconhecidos, montanhas e desertos – fantásticas barreiras naturais até o século dezanove – aos poucos foi-se tornando acessível e objetivo principal de nações da Europa, por dupla possibilidade, que acabaria desembocando na fundamental razão da presença europeia na África, ao longo do século dezanove e vinte...”pag. 131

Decorre ao longo do texto um maior cuidado na pesquisa, na tentativa da recriação de ambientes e mentalidades. De fato, uma coisa é usar a circunstância histórica como um vago cenário ou condimento para uma ação romanesca, outra substancialmente diferente, é pretender mergulhar numa época.

Assim como Flaubert deixou-se fascinar pela antiga Cartago em *Salambô*, Gore Vidal entrou nos domínios do Império Persa e do Império Chinês em *Criação...*, aqui temos a escolha do gênero histórico com enfoque à civilização Beninense, em determinado período, mas que se faz tão presente na cultura brasileira atual e paradoxalmente tão desconhecida por uma maioria de descendentes ou não.

*Sobre o gênero*, romance histórico, há quem o considere um gênero menor, a par do policial ou da espionagem. Devo dizer que não entendo o que possa ser esta menoridade ou maioridade, pois julgo que ambas residem

unicamente na qualidade intrínseca de cada obra e não no gênero em que se inclui. Há quem, pura e simplesmente recuse o direito a “mexer com a história”, quem recuse aos escritores o direito a colocar palavras inventadas na boca de personagens históricas, o direito a preencher com a sua imaginação as lacunas ou pontos mortos do nosso conhecimento sobre fatos passados.

Recuso absolutamente esta posição. Acho legítimo que se cubra a nudez forte da verdade com o manto diáfano da fantasia que “tudo” ou “quase tudo” permite para efeito da construção de um romance. Importa sim, dar ao leitor com maior ou menor argúcia e conhecimento, a possibilidade de distingüir entre fatos conhecidos históricos e a imaginação criativa do autor.

“... O Obá tinha uma natural fixação por duas partes do corpo feminino. Uma eram os seios. Assim, começou um jogo de apalpação, cujos alvos foram os empinados montículos de Edim. Em princípio, a parceira portou-se como uma mulher recatada, mas não púdica...”

“... Edim já não resistia mais às carícias, e viu que estava sendo assediada não por um Deus, mas por um homem e, então começou a devolver carinho...”

“...esta, viajante Efik, não havia sofrido excisão do clitóris. Ele ali estava e era um tanto proeminente, especialmente para ele, habituado ao nada. Quando Ovonramwen se retraiu ante a descoberta, Edim entendeu o que estava ocorrendo e segurou sua mão...”

“...Ovonramwen já era um homem feliz – iluminou-se mais com a novidade, e fizeram sexo prolongadamente, sob os chorões...”pag.112

Tem este romance, a virtude de despertar ou redespertar o interesse de quem lê pela história que envolve a própria história. Interessante seria se todo o crítico pudesse ter acesso ao texto em sua etapa de construção, as idas e vindas, aos rabiscos, erros, procura incessante pela melhor palavra, acréscimos, substituições, sobrepostos, em certos momentos pelejando duas, três vezes até achar a melhor forma, a adequação simbiótica com a idéia. Em Benim o autor/narrador em alguns momentos liga-se visceralmente ao texto,

como em uma gestação, quando são muito sutis os limites entre o “eu” e o “outro”, promovendo interferências e questionando o leitor, como se ele e o texto fossem um só .

“... – A dor é o problema, grande irmão; se eu ficar aqui com vocês ou se partir para uma das minhas quatorze encarnações significa o mesmo. Estarei bem aqui ou lá. – O jovem Kapandonu falava com sinceridade e convicção. Esta convicção que martelava no remoer do Obá, perscrutando o passado. Procedia, Kapandonu, de uma linhagem de religiosos e, portanto, se não nascera com a fé – *nasce-se com ela?* – adquiriu-a desde os primeiros momentos...”pag. 76

Lendo Benin, ficamos insitados a imitar Mário de Andrade, em sua modernidade, usando a “marginália” em cada página, participar do texto, “ao nosso modo”, registrar impressões, sensibilidades, choro solto em alguns momentos, indiferenças ou admiração em outros.

### **... sobre a evolução histórica sem perder o vínculo com o humano...**

*Idugbowa*, ainda menino, protegido por Adolô, seu pai e poderoso Obá, convive com amigos e irmão sob os cuidados maternos e da sacerdotisa encarregada da educação que o transformaria em Ser Supremo dentro da cultura Beninense. Tramas, disputas de poder, convivências inocentes, desejos satisfeitos em uma adolescência protegida, iniciações ritualísticas culturais, chegada ao poder.

Adolô , mantendo-se afastado do que era humano e comum, não percebe os indícios de que a situação política , seguindo o rumo da história de forma natural, iria mudar, levando consigo, sua vida, a mudança do “status quo” daquela sociedade, o fim do tráfico escravo praticado dentre os pares, retração do lucro que o mercado humano trazia.

*Ovonramwen*, já Obá e no poder, desafia preceitos e normas , convive com sua divindade e com seus subalternos de forma diferenciada,

permite-se amar como homem comum , desafia poderes maiores tendo como suporte o metafísico que fazia parte de sua cultura politeísta, seus credos, sua força mental, sua inexperiência. Retrata-se aqui a sociedade inglesa de forma sarcástica e diminutiva na descrição de uma verdadeira tragédia. Acontecem no texto, a descrição dos passos considerados ideais na tragédia grega com *mudanças bruscas/interrupção/nada mais a dizer/fim/ fim da vida/fim da miséria humana/fim da comédia descritiva/real tragédia.*

“.. amarrar e desamarrar era rotina que escravo não estranhava, após algumas semanas de deslocamento pelo mato. Como ele estava imobilizado, apamhei um pouco de azeite de dendê untei minha mão e comecei a passar , levemente, sobre aquelas bem formadas nádegas...”pag. 42

“... à desgraça iminente do personagem, gerou uma onda de cumplicidade entre todos os que ouviam. A onda de prazer geral decresceu para o narrador informar o que fez a seguir...”pag. 42

“... a dor que ele sentiu – o narrador se referia, naturalmente, à dor física; ele era incapaz de compreender a dor moral...” pag. 42

*Edim* chega envolta em novo contexto. Com a morte de Adolô, com a humanização do Obá, com as transformações sociais, um papel feminino diferenciado, preconceitos culturais, disputas de poder entre uzamas, prefeitos, mercadores, mercenários, mortes destacadas ou não, mas que descrevem particularidades de uma cultura. Permanece diferente, única, misteriosa, capaz de uma entrega que marca Idugbowa, Ovonramwem, Idugbowa de forma inexorável.

“...O grande Obá, deus vivo, senhor da vida e da morte, proprietário de quantas mulheres quisesse, casado com a rainha que já lhe dera um príncipe herdeiro – ali estava, qual um homem comum, maravilhado ente uma simples mulher, e de outra nação. Uma estrangeira...”pag. 89

*Kotoú*, personagem diferente, forte em toda a trajetória do Obá , possui universo ficcional próprio e diferenciado, permanece com as mesmas

características até o final, traz à narrativa a arte e a beleza sublimada da cultura beninense, transmitida oralmente, porém viva ainda hoje no mundo de outro século. Sua morte deixa um vazio irreparável na mente do leitor. Seus vãos rasgados ao plano metafísico colocados de forma natural nos diálogos, modo de viver e pensar daquele mundo, levam-nos a crer sem questionamentos.

“... Obarô deu um safanão, e trouxe seu amigo `realidade, como costumava fazer com frequência. E Kotoú voltou, também em espírito, ao castelo juvenil de onde fugira sua alma, como se nada tivesse ocorrido...”pag.11

“... Mas, num certo momento, o artista é comandado diretamente por Osanobua ao criar coisas e matérias encontradas no mundo invisível. Ah!, existe na cultura Benin, o mundo invisível...”pag. 55

“... Kotoú, em breve , seria como seu pai, um iguneronmwan, o artista dos metais, muito superior ao igbesanmwam, artesão que produzia peças em madeira e marfim. Kotoú, num transe, adiante, iria ensinar a sua arte presente a um descendente materialmente inconcebido – desgarrado entretanto seria, no torvelinho do comércio de homens para a América...”pag. 55

*O Senhor da Guerra, Obarô*, traz uma cena onde palavras adquirem sonoridade, cor e integram-se de tal forma ao contexto, que torna-se impossível não naufragar junto em seu momento de morte.

*Idugbowa* , novamente e agora para sempre, homem comum no desterro, sem as prerrogativas que ser Obá lhe conferiam , enfrenta uma nova vida, reencontrando-se no entanto, com parentes afastados por credos ,de uma cultura.Ser filhos gêmeos. Um pulo no tempo, um século adiante, nova linguagem, estudantes com vínculos de parentesco , em outro contexto mas mantendo a ligação com aquele passado distante em que estivemos até agora. Uso da modernidade e das facilidades que a mesma proporciona. Neste momento a linguagem por vezes choca, desestabiliza, adequa-se no entanto aos personagens, não chega a desagradar.

## ...De Monróvia ao Renascimento...

A narrativa continua como que para cumprir “seu destino”, “encerrar mais uma etapa”. A essência foi explicitada. Não perde a qualidade, o valor, a intensidade. Aqui a criação literária assume uma carga de liberdade que a torna independente, onde explicações de ações dos personagens passam a existir neles mesmos. Os fatos históricos mesmo determinantes dos fatos literários, deixam de ser sua razão. **Nas linhas gerais e nas correlações se faz o registro histórico sobrepondo-se no entanto, o humano.** As trajetórias de Pedro, Custódio, Joaquim, Francisco, Claudio, o próprio Idugbowa, Edim, e todos os mais que são envolvidos neste universo, passam a valer por si só. Muda aqui o critério *das verdades*. Tem o leitor a noção exata do quanto o ficcional não se enrijece mesmo terminada a obra, permanece mutável no pensamento de cada leitor, adaptável e liberto.

Na obra como um todo os valores culturais são preservados, traços de caráter dos personagens permanecem, tradições culturais também. Neste novo contexto, nesta nova vida, a tentativa de permanecer incognito sem na verdade o ser de Idugbowa, o faz reencontrar-se consigo mesmo, com seus parentes, com filhos gêmeos, com sua amada. O tempo ficcional marca as trajetórias jogando com vidas em locais diferentes.

“... Seus pensamentos é que preenchem o lapso imaterial, abarcando distâncias, no tempo e no espaço, na fração do momento em que eles desfilavam, qual um painel vivo de um passado imediatamente anterior, apenas distante ou humanamente remoto...” pag.98